

Sou jovem. Há quatro anos que pertenço ao Partido. Há quatro anos que o sirvo o melhor que posso, com as minhas qualidades, com os meus defeitos às vezes. Esta pequena folha de serviços está recheada, porém, de sacrifícios. Isto ninguém o poderá negar.

Bater os revisionistas portugueses, reconstituir o Partido Comunista eis a grande tarefa que a todos se impõe. Não poderia, por considerações de nenhuma espécie, considerar-me isento dos deveres que me incumbem perante obra tão grande.

Se o caminho para a reconstituição do Partido e para o fortalecimento das alas revolucionárias passam pela desobediência aos dirigentes do dia, tanto pior.



## **A EFICACIA SEM LINHA NAO É NADA...**

Nos finais de 1964, não se tinha completado ainda um ano sobre a data da sua constituição, foram presos aderentes e simpaticantes da Frente de Acção Popular. O seu mau comportamento perante o inimigo provocou um retraimento por parte de muitos camaradas, que, até então, olhavam positivamente a FAP, viam nela uma organização de "estilo novo", revolucionária na forma e no conteúdo. Hoje, esses camaradas, embora reconhecendo de que lado está a "razão teórica", reconhecendo que, de facto, é necessário lutar pela libertação da iniciativa popular da tutela da burguesia, pelo começo de acções reais de combate que guiem os trabalhadores portugueses para a insurreição, a tomada do poder e a instauração da democracia popular, hesitam em aderir! "Afinal de contas eles também falam na polícia, dão responsabilidades de controle a quadros incapazes, mantêm o velho o sistema do conhecimento de tudo e de todos", comentam e, ou abandonam, desgostosos, a luta política, ou, então, mantêm-se no Partido revisionista, talvez crentes em poderem "transformar a linha por dentro", talvez conformados com o pensamento: "estes são maus, estão errados, abandonaram a defesa dos interesses revolucionários dos trabalhadores mas, ao menos, já existem há muito tempo".

As considerações que fazem estes camaradas, se bem que simplistas (levando, por esse motivo, a posições erradas) levantam problemas a que terá interesse se vir a responder. Não é essa, porém, a finalidade do presente artigo, mas sim o de constatar a justiça ou não justiça desta posição!

Num momento de confusão como o que vivemos, em que os marxistas-leninistas e os revolucionários integrados na FAP, de um lado, e toda a espécie de oportunistas, do outro, disputam, numa luta decisiva e áspera, a influência sobre as massas trabalhadoras, que atitude devem tomar os comunistas e os revolucionários em geral? Só uma: Juntar-se aos primeiros, dar o melhor de si mesmo para traçar do caminho que conduz à vitória.

"Mas, perguntar-se-á, que garantias há de que a FAP é uma organização revolucionária e de que o Comité Marxista-Leninista serve de facto os interesses do proletariado revolucionário português?" Como se sabe então que uma organização é ou não é revolucionária? Pelo conhecimento dos fins táticos e estratégicos que cada uma prossegue, da atitude que tomam face à luta dos explorados contra os exploradores (ou seja dos interesses que de facto, defende), dos meios

que preconizam. O verdadeiro revolucionário tem de dar primordial importância às consignas, à linha política. Do mesmo modo, a atitude perante a luta de classes, a conquista do poder, a política de alianças, a violência revolucionária, a ditadura do proletariado, o internacionalismo proletário, etc., separam verdadeiros dos falsos comunistas.

Se há ou não um bom trabalho, é importante, mas não é o aspecto principal. Trabalhar bem (enão é esse o caso das outras organizações) por um objectivo que não serve os interesses da revolução não pode interessar os revolucionários. Trabalhar bem (ou, pelo menos, não mal) trabalharam os reformistas do princípio do século e nem por isso deixaram de ser renegados pelos revolucionários de então. O mau trabalho, as deficiências, os erros, corrigem-se a partir de uma correcta posição de princípios, de uma linha justa, e não o contrário ...

Os que reconhecemem nós o esforço ideológico, a procura de uma análise baseada na situação e hesitam em integrar-se porque houve deficiências na fase inicial de organização, porque não se conseguiu transformar a impaciência anárquica, em decisão revolucionária, porque se confiou na espontaneidade, porque se lançaram várias palavras de ordem, quer precipitadas, quer susceptíveis de serem mal interpretadas, não seguem um critério justo de análise. Tomam o secundário pelo principal, donde o não consideram como fundamental o que eles próprios acham positivo no C.M.L. e na FAP. Aliás, que outra coisa é, senão uma forma de oportunismo, a ideia de que a eficácia na luta anti-fascista é de modo algum independente da linha de orientação, a ideia de que, sob o fascismo, as questões de orientação recuam para segundo plano e o que predomina é a acção prática e a organização? Esquecer isto seria esquecer a luta de Lenine contra os revisionistas de então, contra a ideia, expressa por Bernstein "o movimento é tudo, o objectivo não é nada".

De resto, o que aconteceu, sob o ponto de vista marxista-leninista, será algo de verdadeiramente anormal e inesperado, fora de um contexto revolucionário? Parece-nos bem que não. O CML e a FAP defendem uma linha que é nova em Portugal, uma linha de que não há qualquer experiência, uma linha que terá de evoluir e desenvolver-se passando por fases, de mãos dadas com a experiência. É a primeira fase não pode deixar de ser a infantil, caracterizada por uma série de erros, por um espírito indisciplinado, uma ausência de unidade e centralização... E cada nova fase dará origem a novos tombos em que poderemos "aleijar-nos" mais ou menos, mas que serão sempre inevitáveis. A esta conclusão já Lenine chegara quando afirma que "Toda a nova forma de luta, implicando novos perigos e novas vítimas, "desorganiza" forçosamente as organizações que não estão preparadas para isso. Os nossos antigos círculos de propagandistas foram desorganizados quando passaram à agitação. Os nossos comités foram desorganizados, quando por seguimento, se veio para as manifestações. Toda a operação militar, não importa em que guerra é causa de uma certa desorganização nas fileiras dos combatentes. Não é necessário concluir que não se deve combater. É preciso somente concluir que se deve aprender a combater. Eis tudo." ("A Guerra de Guerrilhas")

Isto não quer dizer que os marxistas-leninistas declinem a responsabilidade que têm nas prisões de Novembro. Eles sabem que foram os principais responsáveis do que aconteceu e poderão sê-lo do que ainda vier a acontecer. O que defendem é o facto positivo de as "quedas" serem dadas porque se quer aplicar, lançar e aperfeiçoar uma linha justa no essencial, e não porque se persiste em prosseguir uma linha oportunista e, portanto, contrária aos interesses dos trabalhadores portugueses.

A luta pelo conhecimento da situação nacional (até hoje desprezada ou distorcida), das tarefas que se põem ao desenvolvimento da revolução democrática e popular; a luta pela compreensão das responsabilidades de cada um na revolução, das ligações e diferenças entre o trabalho legal e ilegal; a luta pelo empreendimento da acção violenta; a luta pela consolidação do trabalho de direc-

ção e de controle, pela maior ligação direcção-base; não são fáceis. São mesmo difíceis. Tanto mais quanto os marxistas-leninistas e a FAP se organizarem em condições particulares, entre o fogo cruzado da perseguição das forças de repressão e do ódio e denúncia do partido de Cunhal; tanto mais quanto é geral o baixo nível político, quanto a revolução terá que ser iniciada por quadros que não estão "prontos", "feitos", quanto a herança de 40 anos de luta é de dívidas e não de crédito.

Com os camaradas em questão cu semelas, a revolução far-se-á, os problemas serão resolvidos. A sua participação imediata, a sua contribuição para a correção dos erros e deficiências que ainda existem, teriam no entanto, a vantagem de apressar todo o processo de desenvolvimento da revolução.



## PARA UM ESTILO BOLCHEVIQUE

"Há dois grupos de marxistas. Ambos trabalham sob a bandeira do marxismo e se consideram marxistas autênticos. Contudo, nada têm de idênticos. Mais ainda: separa-os um abismo, porque os seus métodos de trabalho são diametralmente opostos.

"O primeiro grupo limita-se geralmente a uma aceitação exterior, a um reconhecimento cerimonioso do marxismo. Sendo incapaz ou não desejando alcançar a essência do marxismo, sendo incapaz ou não desejando traduzi-la na realidade, converte os princípios vivos e revolucionários do marxismo em fórmulas sem vida e sem sentido.

Baseia as suas actividades, não na experiência, não nos ensinamentos do trabalho prático, mas em citações de Marx. Deduz as indicações e directivas, não da análise da realidade viva, mas de analogias e paralelos históricos. De sacordo entre as palavras e os actos, tal é a principal doença de que padece este grupo.

Daí as suas decepções e o seu eterno descontentamento com o destino que a cada momento lhe põe partidas de mau gosto, deixando-o "com o rabo entre as pernas".

São conhecidos por mencheviques (na Rússia) ou por oportunistas (na Europa). O camarada Tysko-Ioguiche descreveu esse grupo muito bem no Congresso de Londres, quando disse que ele não se apoiava sobre a plataforma marxista mas jazia sob ela.

O segundo grupo, pelo contrário, dá especial importância não ao conhecimento exterior do marxismo mas à sua aplicação, à sua realização. Determinar de acordo com a situação os caminhos e os meios para realizar o marxismo, mo dificar esses caminhos e esses meios quando a situação se modifica, é isto o que merece principalmente a atenção deste grupo.

Ele não deduz as directivas e indicações de analogias ou de paralelos históricos, mas sim do estudo das condições ambientes. A sua actividade não se apoia em citações e sentenças, mas sobre a experiência prática por meio da qual comprova cada um dos seus passos, tirando lições dos seus próprios erros e ensinando os outros a edificar uma vida nova.

É por isto que na actividade deste grupo a acção não diverge da palavra,